Pr. 150 PIG 45

Diário Carioca 19-10-52

Motivos de Proteu

Sérgio Buarque Holanda

LENDO o livro mais recente de Jorge de Lima — *Invenção de Orfeu* (Livros de Portugal, S.A., Rio de Janeiro, 1952) — veio-me à memória aquela profissão de fé anti-romântica de um artista, que, no entanto, resumiu em si, sublimando-as, tôdas as tatras do romantismo: a verdadeira grandeza é produto da firme vontade, nasce de uma deliberação precisa, jamais da indiferença e do acaso. Ou, nas palavras textuais de Van Gogh: "la grandeur n'est pas une chose gratuite, elle doit être *voulue*".

Creio, com efeito, que nenhum escrito de autor brasileiro dos últimos e mesmo de todos os tempos traz mais vivamente do que êste os sinais da grandeza desejada. Tudo, no poema de Jorge de Lima, parece convite à perplexidade e à admiração, desde seu tamanho desmedido, que por si só já impressiona, até à expressão complexa, sobranceira, vedada a qualquer acesso fácil.

Não haveria, entretanto, alguma coisa de suspeito, à primeira vista, na presença daquêles mesmos sinais? A grandeza embora dependendo de uma deliberada disciplina, não precisa mostrar-se através de formas tão sensíveis. A verdadeira grandeza é voluntária, mas há de ser comandada por uma necessidade interior fundamental, ou resultará em caprichoso artifício.

Estou bem longe de supor que em Jorge de Lima seja inexistente esta íntima necessidade: sem ela o autor de *Invenção de Orfeu* dificilmente ocuparia o lugar de tamanho realce que lhe pertence com justiça entre nossos poetas de hoje. Apenas creio que entre a necessidade e a vontade (penso aqui nessa mesma "grandeur *voulue*" referida por Van Gogh) há e sempre houve, no seu caso, um estranho desajuste. De onde a impressão de disponibilidade às mais díspares influências, que tantas vezes nos causam os seus livros, e que seu amigo Murilo Mendes tão brilhantemente defende numa das marginalia anexadas a êste poema. Por isso não é de estranhar-se que entre nossos poetas de primeira grandeza seja êle, talvez, o menos seguido, o que, em verdade, menos caminhos abriu aos sucessores.

EM SUA defesa pôde alegar Murilo Mendes que nossa época, "época de invenção, contínua pesquisa e interpretação de fatos e idéias é lògicamente favorável ao crescimento das influências no espírito do artista, cuja receptividade aos múltiplos aspectos e fenômenos da natureza é por definição maior do que a dos outros homens".

Mas justamente o que não se consegue distinguir na obra de Jorge de Lima é algum indício claro daquêle "crescimento" da influência no espírito do artista. Sua receptividade, sem dúvida extraordinária, só se afeiçoa bem às formas já acabadas, amadurecidas, incapazes, naturalmente, de qualquer evolução. E em lugar de um verdadeiro esforço de pesquisa, por onde visasse assimilar e transfigurar a seu modo essas múltiplas solicitações, o que encontramos nela é uma série de esforços geralmente bem sucedidos, mas descontínuos, para acomodar-se a modêlos momentâneamente prestigiosos.

Em tudo isso, a linha que deveria unificar e dar coerência a expressões tão mutáveis — a parte do autor, em suma — torna-se pràticamente invisível. E' lícito distinguir em tão insistente projetar-se fora de si êsse desgôsto, essa desconfiança das próprias virtualidades que se acha, aliás, à origem de qualquer criação poética, uma vez que todo processo de criação é também um processo de superação. Acontece apenas, nêste caso, que a parte do autor não é superada mas parece dissipar-se e dissimular-se, tôda ela, na agilidade, quase de malabarista, com que êle procura vencer a distância entre o que efetivamente é e o que desejaria ser e apresentar. Ou resume-se, afinal, naquela mesma agilidade.

Tão ostensiva é essa espécie de bovarismo que na própria feitura material dos seus livros buscase reproduzir por vezes a dos modêlos diletos. Assim sucede, por exemplo, com aquela curiosa edição dos *Poemas* de 1927, que, lançada pela casa Trigueiros de Maceió, tentava imitar cuidadosamente as edições da casa Gallimard de Paris. Ou ainda com a da *Obra Poética* de 1950, onde se reproduz em tudo, desde o colorido amarelo da capa até à presença das notas explicativas do texto, a aparência exterior de conhecida coleção de clássicos de nossa poesia.

SERIAM insignificantes tais pormenores num comentário crítico, se não nos dessem ao menos uma expressão bem tangível, por isso singularmente ilustrativa da própria variedade e multiplicidade dêste artista. De um artista, que, admirávelmente parnasiano ao tempo do parnasianismo, se acomodaria, nos anos de 20, ao modernismo de tipo nativista e regional, até ao momento de converter-se, com outros, à poesia de inspiração religiosa. E que mais recentemente, quando, entre alguns dos chamados post-modernistas, se clamou por uma "volta ao soneto" seria dos mais presurosos em atender à nova *consigne*.

Não admira, pois, se numa hora em que todo mundo fale em arte barroca, em filosofia barroca, em cultura, em civilização, em política, em sociedade barroca, êle também nos ofereça, com sua *Invenção de Orfeu*, nada menos do que um livro de poesia barroca. Assim o qualifica ao menos o eminente crítico incumbido de prefaciá-lo. Mas o que vem a ser ao certo, poesia barroca? O tema parece-me demasiado amplo para ser abordado em breve comentário, e não irei repetir as razões desenvolvidas aqui mesmo, em outros artigos, contra uma fórmula que, procurando significar tantas e tão diversas coisas, acaba fatalmente perdendo qualquer significado utilizável. A palavra "barroco" poderá contudo vagamente aplicar-se à nova poesia de Jorge de Lima na medida em quem, por meio de uma linguagem revolta e matafórica, nos leva a uma escuridão onde, apesar de certos lampejos, o próprio poeta não consegue acertar bem o passo.

Nestas condições chego a duvidar muito de que a equipe de críticos sugerida por Murilo Mendes possa chegar, algum dia, a qualquer exegese válida dêste poema. Uma exegese só seria possível onde subsistisse algum fio condutor através de tôdas as partes da obra, ou então algum pensamento superior, redutível, com maior ou menos êxito, a têrmos lógicos.

ORA, Jorge de Lima não oferece nada que se pareça com isso. E' mesmo provável que as expansões líricas dispersas ao longo desta sua obra ganhariam muito em libertar-se do enorme arcabouço onde se viram arbitràriamente colocadas. E ouso julgar, pessoalmente, que os pontos mais altos dêsse lirismo êle os atinge nos lugares onde não pode ceder à tentação de requintar-se no que alguns críticos costumam chamar o "idioma" ou a "dicção" da poesia.

Pode explicar-se e justificar-se, um tanto sumàriamente, o hermetismo de alguns poetas atuais, dizendo que as palavras dos dicionários, ou sejam as da linguagem conceitual e as do senso comum, revelam-se insuficientes para abarcar tôda a complexidade e riqueza do real. De modo, que à poesia cabe servir-se de recursos novos e próprios para manifestar essa complexidade e riqueza com uma precisão que, de outro modo, seria impossível. Ainda nisto penso exatamente o oposto do que pensa o professor Eurialo Canabrava quando, nas suas marginalia à *Invenção de Orfeu* dá como característico da "poesia verdadeira" aquela "multivocidade que assinala as descrições indefinidas".

O gôsto da indefinição ou o da surprêsa, não constitui, salvo em certas aparências frequentemente ilusórias, o traço distintivo da verdadeira pôesia, mesmo em nossos dias. Em passagem bem conhecida, que o crítico Herbert Read lembra naquela mesma página onde o prefaciador dêste volume foi encontrar as referências de Vico à "lógica poética", lembrou justamente Pierre Reverdy como a imagem só importa, de fato, se for "remota e exata" a associação de idéias que encerre. E outro precursor ilustre, Ezra Pound, pôde dizer que o característico do poeta está nisto, que suas idéias são mais, não menos, definidas do que as do bufarinheiro.

Tudo isso leva-me a considerar sem arroubos de entusiasmo o hermetismo da última obra de Jorge de Lima, que assenta, todo êle, em suma, sôbre processos semelhantes aos que ilustraram os surrealistas com a famosa "escrita automática". No seu caso, êsse automatismo, destacando-se da missão originária, ganha um papel simplesmente decorativo. Aos exegetas possíveis de *Invenção de Orfeu* cumpre refletir nisto, antes de se disporem a procurar aqui uma densidade, uma tensão, que esta poesia está, de fato, bem longe de ter.

A obscuridade de sua linguagem não nasce, com efeito, de aproximações ou sínteses de significados remotos e exatos, mas, ao contrário, de uma distensão, de um intumescimento, da linguagem, que, por vezes, parece tomar o aspecto de verdadeira elefantíase verbal. Salva-a o admirável timbre lírico de muitas peças do livro, particularmente, dos sonetos. Tão puro, em verdade, é êsse íntegro, que consegue resis-

(Conclui na 6.ª página)

Motivos de Proteu

(Conclusão)

tir incólume aos mais pretensiosos artifícios. Nêle está, sem dúvida, a melhor contribuição dêste poeta. E tenho certeza de que, por êle, muitos pecados lhe são finalmente perdoados.

Remessa de livros:

Rua Haddock Lobo, 1625 — São Paulo.